

Varejistas temem novo clima de instabilidade

por Nora Gonzalez
de São Paulo

O presidente da Associação Comercial de São Paulo, Lincoln da Cunha Pereira, disse ontem que a saída de Paulo Haddad é "lamentável". "O País não pode continuar a conviver com a instabilidade administrativa, que agrava os problemas econômicos e sociais", disse ele. Pereira disse que espera que Eliseu Resende tenha apoio do presidente para a coordenação e execução de um plano econômico sem choques nem intervenções, mas ressaltou: "É importante conhecermos o restante da equipe".

Para Omar Assaf, vice-presidente de abastecimento da Associação Paulista de Supermercados (Apas), os maiores problemas estão na instabilidade gerada pela troca de ministros e pela "afobação" do presidente "que causa instabilidade no mercado". O medo maior do setor, segundo ele, ainda é o congelamento ou o controle de preços.

Para Lucky Constantinesco, diretora de marketing da Casa Ricardo, importadora e atacadista de bebidas e alimentos, a instabilidade e a insegurança geradas são piores do que a troca de pessoas em si. "Não é pela pessoa, mas sim pelo clima de desacerto que há", disse.

O presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Abram Szajman, não acredita que o setor inicie um movimento de aumento de preços preventivo, na expectativa de um novo choque na economia, levantou a repórter Luci Moraes. "O mercado sabe que o consumidor está traído e não referendaria uma alta dos preços", acentuou, destacando que uma iniciativa nesse sentido só poderia ser tomada pelos cartéis, oligopólios e setor público.

O presidente do Clube de Diretores Lojistas e diretor do Mappin, Oscar Bonilha, diz que a substituição no Ministério da Economia ainda não trouxe reflexos para o comércio. "Mas não deverá haver qualquer alteração significativa, tendo em vista que o mercado financeiro, que é mais nervoso, reagiu calmamente perante o fato", destaca.

Segundo apurou a repórter Claudia Mancini, o presidente da federação que reúne os revendedores de veículos, Fenabreve, Sérgio Reze, disse ontem que a mudança no Ministério da Fazenda poderá ter um reflexo negativo nos números de vendas de automóveis. "Choques, congelamentos e seqüestros de poupança já provaram que não resolvem os problemas do Brasil", completou.